

MEMÓRIA E SABERES DE PESSOAS IDOSAS: PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM ESPAÇO INFORMAL

Autor: Solênia Cristina de Queiroz (1); Co-autor: Misslane Cristina Simplicio dos Santos (2); José Cândido Rodrigues Neto (3); Orientadora: Zélia Maria Arruda Santiago (4)

(1) Universidade Estadual da Paraíba – solenia06@gmail.com;

Universidade Estadual da Paraíba – misslanesimplicio@hotmail.com; (3) Universidade Estadual da Paraíba – -
jcrnto13@gmail.com; (4) Universidade Estadual da Paraíba - zeliasantiago@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho discute a inclusão das pessoas idosas por meio de práticas educativas desenvolvidas em espaços informais da sociedade. Apresenta-se planejamento e realização de práticas educacionais inclusivas vivenciadas por idosos(as) em espaço educativo informal, através das quais eles narram e compartilham histórias e experiências de vida nas interações com gerações mais jovens. Neste espaço inclusivo houve o resgate e a valorização de suas memórias por meio de músicas, objetos escolares e cotidianos, dramatizações e contação de histórias. Considerou-se a participação dos idosos(as) neste espaço como forma de aprendizagem continuada, inclusiva e intergeracional.
Palavras-chave: educação, pessoas idosas, memória, inclusão.

INTRODUÇÃO

O aumento da expectativa de vida e a diminuição na taxa de natalidade são indicadores sociais propiciadores do crescimento da população idosa no mundo, sobretudo no Brasil, cuja realidade demanda mudanças socioculturais e educacionais tanto da sociedade quanto dos idosos(as). Por um lado, a sociedade brasileira frente a esta realidade não está preparada para atender as demandas sociais advindas deste segmento etário, por outro, tal segmento necessita de continuar inserido nas práticas sociais cotidianas, mantendo-se ativos e participativos socialmente. Neste aspecto, a sociedade brasileira cada vez mais longeva, o que tem proporcionado aos idosos para tenham melhor qualidade de vida, não restrita aos aspectos médico-farmacológicos? Para que longeviver se neste contexto social eles convivem, continuamente, com preconceitos, estigmas, violência e, em decorrência disso, se isolam, silenciam e emudecem? Em que sentido eles podem usufruir de uma inclusão continuada na vida cotidiana?

A inclusão social continuada pressupõe um aprendizado contínuo entre faixas etárias e, considerando este aspecto, que propostas inclusivas a educação lhes proporcionam para continuarem participantes na sociedade? Atualmente, no cenário educacional as oportunidades de

inclusão foram ampliadas nos textos legais internacional (VI CONFINTEA, 2009) e nacional, sobretudo no contexto brasileiro com o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/03), tendo-se prescrições em termos da educação formal e informal. Tal proposta se expande na Universidade Aberta destinada a pessoa idosa implantada em vários estados brasileiros, além de outras propostas disseminadas nos Centros de Convivência, Grupos de Encontros em clubes de bairro, eventos esporádicos na escola, na universidade, igrejas e, outros, ao se envolverem com objetivos e metas educacionais inclusivas focadas nas pessoas idosas. Uma das metas maiores é proporcionar-lhes mais qualidade de vida na perspectiva de incluí-las de forma saudável e melhorar o seu convívio social, mantendo-as ativas e afirmativas ao gestarem, continuamente, sua vida nas dimensões biopsicossociais.

Em termos da capacidade de gestarem a própria vida nas interações cotidianas o estatuto nacional lhes assegura a liberdade em respeito com dignidade advinda da sociedade e instituições que dela fazem parte, a exemplo do seu reconhecimento estatal como “pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais” (Art. 10). Neste sentido a educação ao disseminar programas com propostas direcionadas a inclusão continuada das pessoas idosas na vida social, a fim de continuarem (re)significando suas práticas sociais cotidianas, não apenas reconhecem sua capacidade sociocognitiva, mas lhes capacitam a usufruírem da “faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários”, utilizando-se de sua liberdade social e subjetiva de “opinião e expressão” (Art. 10, I e II). No texto legislativo nacional há clareza textual de como a sociedade e suas instituições devem continuar tratando as pessoas idosas, reconhecendo suas capacidades aprendizes e ensinantes conforme colocações de Kachar (2001), ao compreender que “a sociedade e as gerações têm muito que aprender com as pessoas idosas”, igualmente, estes, “têm muito que compartilhar com a sociedade”.

Já o texto legal brasileiro afirma que o “idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (Cap. V, Art. 20), direitos relacionados à vida social, cognitiva, afetiva, individual em suas peculiaridades subjetivas e condições societárias, vivendo além dos avanços médico-farmacológicos. Há uma intenção legalizada fundada nos pressupostos epistemológicos da Geriatria e Educação Gerontológica (Cachioni, 2002), quanto ao respeito continuado nas diversas maneiras do envelhecer e diferentes velhices intergeracionais, temporais e contextuais, conforme discussões ventiladas por Debert (2004). No contexto brasileiro verifica-se que as pessoas idosas enfrentam o silenciamento social e o preconceito linguístico-discursivo (Preti, 1991), apesar de existir políticas públicas

educacionais com propostas de inclusão social, racial, indígena, deficiente, digital, saúde, direcionadas a esta faixa etária em suas diferentes modalidades de operacionalização.

Observa-se que as ações afirmativas de inclusão voltadas a este segmento etário enfrentam limitações, pois em termos infra-estruturais a sociedade brasileira não se preparou para atender as demandas socioculturais geradas no interior deste contingente populacional, sobretudo o setor educacional que investe, institucionalmente, no ensino público regular (Marangoni, 2011). No entanto, o estatuto do idoso delega ao poder público por meio de suas instâncias educacionais formais e informais a criação de “oportunidades de acesso ao idoso à educação” como forma de inclusão contínua, sobretudo a escola que, pedagogicamente, trabalha com alunos e pais de alunos, além de outros profissionais (Art. 21). Este texto possibilita a compreensão da educação se realizando de forma “intergeracional” com todas as idades e “interdisciplinar” perpassada entre as disciplinas escolares ao adequarem “currículos, metodologias e material didáticos aos programas educacionais a ele destinados” (Lei nº 10.741/03; Marangoni, 2011; Fazenda, 2001).

Com base neste texto entende-se a inclusão das pessoas idosas por meio de programas e cursos contendo conteúdos específicos referentes “às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna” (Art. 21 § 1º), tendo em vista gestarem sua vida pessoal e social com participação ativa na sociedade e na convivência familiar. O texto avança ao propor a criação de programas educativos relacionados à educação intergeracional focadas nos bens culturais para que os idosos sejam neles incluídos como protagonistas e narradores, a fim de transmitirem saberes, fazeres, “conhecimentos e vivências às demais gerações”, constituindo-se a si e aos outros num processo de “preservação da memória e identidades culturais” (Art. 21, § 2º). Além deste aspecto, o texto direciona prescrições atinentes aos currículos nos diversos níveis do ensino educacional formal, neles inserido “conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”, no artigo 22 da referida lei. Ao considerar os ditos temáticos da memória transmitida em eventos culturais prescritos nesta legislação elaborou-se a proposta: “Memória e saberes de pessoas idosas: práticas de educação inclusiva em espaço informal”¹

¹ Coordenadora da proposta: Profa. Dra. Zélia Maria de Arruda Santiago (DE/PPGECM/UEPB). Colaboradores: Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre (DE/UEPB), Profa. Dra. Marta Lúcia Sousa Celino (DE/UEPB), Profa. Dra. Almira Lins de Medeiros (DE/UEPB), Profa. Dra. Patrícia Cristina Araújo de Aragão (DH/UEPB), Profa. Ms. Maria Auxiliadora Filha (Letras-Francês-UFCG), Profa. Dra. Maria do Carmo Eulálio (Psicologia-UEPB), Prof. Dr. Francisco Ferreira Dantas Filho (Química-UEPB), Ms. Gilberlândio Nunes da Silva (Química-UEPB). Além de monitores, alunos(as) do mestrado e da graduação da UEPB.

direcionada não apenas as pessoas idosas, mas as demais gerações presentes no evento, tal proposta ganha espaço no seguinte tópico metodológico.

METODOLOGIA

Para uma melhor realização da proposta subdividimos a metodologia em (02) dois momentos aos quais descrevemos a seguir.

1. IDOSOS(AS) NOS ESPAÇOS SOCIAIS: Saberes, memória e inclusão

Do Departamento de Educação (UEPB) surge a programação “Memória e saberes de pessoas idosas: práticas de educação inclusiva em espaço informal”, explicitamente, direcionada a participação dos idosos no II Congresso Internacional de Educação Inclusiva (II CINTEDI), objetivando valorizar suas histórias e experiências de vidas lembradas, narradas e compartilhadas as demais gerações nas trocas interacionais, enquanto um acervo de saberes-fazer socioculturais.

As atividades desenvolvidas dialogam com projetos de pesquisa e extensão realizadas pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), destacando-se pesquisas realizadas no Curso de Especialização (DE/UEPB), no programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Ensino de Ciências (PPGECM/UEPB), Grupo de Estudos e Pesquisas (GEPES), além de disciplinas ministradas na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB). As atividades de extensão estabelecem a interlocução Universidade-Sociedade, realizada tanto nas dependências da UEPB quanto nos espaços da educação informal na comunidade, a exemplo do evento CINTEDI. Neste espaço interativo as pessoas idosas discorrem sobre temas vivenciados quando crianças, jovens, adultos e idosos, a exemplo de brinquedos/brincadeiras, objetos escolares, dramatizações, contações de causos, cantigas de rodas, recitação de poemas e interpretações musicais, leitura e dramatizações de poèmes et musiques francaises, saúde autorrelatada, etc.

Em termos metodológicos a programação envolve momentos de exposição de objetos escolares e cotidianos, além de apresentação de lembranças literárias por eles protagonizadas junto ao público intergeracional participativo neste espaço. As temáticas são expostas em stands, ao mesmo tempo em que são contextualizadas por meio de narrativas ao lembrarem os brinquedos/brincadeiras época (bonecas de pano, peão, carrinho, pipa, cinco marias, etc), artefatos do cotidiano (roupas, utensílios domésticos, suporte midiático, máquina fotográfica, jornal, revista,

livros, etc), objetos escolares (conteúdo, livros didáticos, cadernos, palmatória, lousa, tabuada, etc), literatura da época (canções, poemas, romances, músicas), nossas produções (poemas, cordel, memorial, paródias, etc), exposição de experiência com a educação informal continuada adquirida nos centros de convivência e na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA/UEPB), exposição de trabalhos de pesquisa e extensão desenvolvidos por professores da UEPB.

2. PRÁTICAS EDUCACIONAIS INCLUSIVAS: Realização da proposta

As atividades de exposição foram compostas por brinquedos guardados e utilizados pelos idosos, como pião, bonecas de pano, carrinhos de lata confeccionados manualmente, pedrinhas das cinco Marias, peteca, estes, os mais recorrentes. Estas amostras foram reduzidas em relação às demais temáticas, talvez porque na sua época os brinquedos fossem mais escassos em relação às brincadeiras, como cantiga de rodas, advinha, brincadeira do anel, esconde-esconde, quebra-panela, etc, antecedentes a industrialização dos brinquedos (Oliveira, 1986). Com relação aos artefatos cotidianos houve a exposição, o que chamou mais atenção dos participantes foi o antigo ferro de engomar a brasa, a chaleira de ferro usada em fogão à lenha, a peça do pilão utilizado para pisar grãos de café. À medida que interagiam com as pessoas a escuta narrativa dos idosos explicavam a forma de como utilizavam tanto os brinquedos quanto os utensílios domésticos, traçando detalhes do tempo, lugar, momentos e espaços em que vivenciaram esta realidade, relacionando-a *as mudanças na sociedade contemporânea* (Bosi, 2003). As lembranças narradas na interação por meio da memória manifesta em palavras (re)significadas ao mostrarem fotos (postura, roupas, cenário, pessoas) nas falas traziam (re)definições das identidades etárias, sociais, coletivas peculiares da época comum entre elas, mas distantes das gerações mais jovens. Na exposição manusearem objetivos domésticos, pertences pessoais, sempre se reportando aos significados pertencentes ao passado, mas reelaborados no tempo da memória presente. Dentre os objetos escolares destacou-se a palmatória, o livro do exame admissão com forma efetiva de estudar o antigo ginásio na escola pública, fotos da escola e diploma escolar. A palmatória o objeto apresentado mais explorado e questionado pelos visitantes pela curiosidade da peça e, quando questionados, os idosos explicavam como o professor na época a utilizava e por quais motivos. Em relação ao livro de admissão falavam do conteúdo “muito difícil”, mas afirmavam do interesse em estudá-lo para prosseguir os estudos e ascender socialmente. A mídia da época foi representada através de uma peça de rádio a pilha, além de revistas circulantes na época, sendo vistas exemplares

da revista *cruzeiro e manchete*, além de apresentarem livros de culinária. Na parte da literatura expuseram músicas, poemas, cordel e poesias correntes na época, sobretudo as músicas que não foram apenas expostas, mas interpretadas em grupo e compartilhada pelos congressistas.

Portanto, o espaço musical foi marcante através do qual recordaram lugares (clubes, escola, amigos, shows), turma de amigos, momentos de lazer, casamento, despedidas, sobretudo de namoro, embaladas nas músicas (re)cantadas e lembradas no presente momento. Dentre as músicas mais lembradas e cantadas neste evento têm-se duas delas apresentadas no quadro II: "Meus Tempos de Criança"² (Araulfo Alves, 1956), escolhida por todos os idosos(as) para este repertório, afirmando que, por meio desta música, podem recordar os tempos de criança ao mesmo tempo em que tecem homenagem aos professores do passado. Outra música por eles escolhida foi a valsa "Fascinação"³ (Féraudy e Dante Pilade Marchetti, 1905), sendo interpretada neste espaço para relembrem bailes e amores vivenciados na época da juventude. Outras músicas brasileiras foram cantadas em grupo, como "A praça" (Carlos Imperial, 1967), "Biquíni de bolinha" (Paul Vance, 1960), além da música "Índia" (José Asunción Flores, 1952), as quais foram recordadas com muita emoção ao envolver o público presente no evento. Fechando a temática das músicas, no quadro II apresentam-se as músicas francesas cantadas e trabalhadas entre professor e educandos idosos(as) nas aulas de francês na UAMA. Por meio delas são trabalhadas as memórias escolares da em que estavam nos antigos colégios de freiras, lembrando práticas curriculares de suas temporalidades de aprendizagem da língua e sua cultura. Neste espaço eles tiveram a oportunidade de protagonizarem o que reviveram no tempo escolar ao apresentarem-se em público em forma de dramatização (re)expressando a língua e seu aprendizado, observando-se sua letra mais a frente no quadro II.

² **Meus tempos de criança (samba, 1956) – Ataulfo Alves** O menino Ataulfo teve infância humilde, da qual soube recolher a riqueza dos pequenos gestos, as pequenas luzes que brilham sob o olhar inocente de uma criança. Essa essência, Ataulfo levou para a fase madura de sua vida, e se recordou com alegria e saudade, retratada no estilo dos versos presentes em toda sua obra realizada no Rio de Janeiro, mas com um pé fundo numa Minas interiorana, dolente, toada e rural. "Meus tempos de criança" é uma homenagem a todos que preservam os sons da matriz, "a professorinha que ensinou o bê-a-bá", as travessuras e o primeiro amor, Mariazinha. "Eu era feliz e não sabia". Esse arrependimento inevitavelmente tardio crava uma ponta de angústia na canção de Ataulfo Alves, composta em 1956, cobertor macio para todos aqueles de coração aguado. <http://www.esquinamusical.com.br/ataulfo-alves-uma-lenda-brasileira/>.

³ **Fascinação (valsas, 1905) - Maurice de Féraudy e Dante Pilade Marchetti** Escrita em 1905, "Fascinação" foi traduzida para a língua inglesa por Dick Manning em 1932. "Fascinação" é uma valsa composta pelo francês Dante Pilade "Fermo" Marchetti (1876-1940) e a letra original por Maurice de Féraudy (1859-1932), em 1905. Ela ficou praticamente ignorada por décadas até que foi usada no filme americano "Love In The Afternoon", no Brasil, "Amor Na Tarde", interpretada por Jane Morgan. O filme foi estrelado por estrelado por Audrey Hepburn. A canção foi mais tarde regravada por Dinah Shore, Nat King Cole e pelo maestro francês Paul Mauriat. <http://www.eternasmusicas.com/2013/02/fascinacao.html>

Quadro I – Músicas interpretadas

Música 1: Meus tempos de crianças	Música 2: Fascinação
Autor: Ataulfo Alves, 1956.	Autor: Féraudy e Dante P. Marchetti, 1905.
<p>Eu daria tudo que eu tivesse Pra voltar aos dias de criança Eu não sei pra que que a gente cresce Se não sai da gente essa lembrança Aos domingos, missa na matriz Da cidadezinha onde eu nasci Ai, meu Deus, eu era tão feliz No meu pequenino Mirá Que saudade da professorinha Que me ensinou o beabá Onde andaré Mariazinha Meu primeiro amor, onde andaré? Eu igual a toda meninada Quanta travessura que eu fazia Jogo de botões sobre a calçada Eu era feliz e não sabia.</p>	<p>Os sonhos mais lindos sonhei, De quimeras mil um castelo ergui. E no teu olhar, tonto de emoção, Com sofreguidão mil venturas previ. O teu corpo é luz, sedução, Poema divino cheio de esplendor. Teu sorriso prende, inebria e entontece, És fascinação, amor. Os sonhos mais lindos sonhei, De quimeras mil um castelo ergui. E no teu olhar, tonto de emoção, Com sofreguidão mil venturas previ. O teu corpo é luz, sedução, Poema divino cheio de esplendor. Teu sorriso prende, inebria e entontece, És fascinação, amor.</p>

Quadro II – Cantigas francesas dramatizadas

Cantiga 1: Quand trois poules vont aux champs	Cantiga 2: Frère Jacques
Autor: Wolfgang Amadeus,	Autor: Pierre Cour e Guy Béart, 1977
<p>Quand trois poules s'en vont aux champs, La première s'en va devant, La seconde suit la première, La troisième va derrière. Quand trois poules s'en vont aux champs, La première va devant. {Légère variante:} Quand trois poules s'en vont aux champs La première la première Quand trois poules s'en vont aux champs La première va devant</p>	<p>Frère Jacques Frère Jacques Dormez-vous? Dormez-vous? Sonnez les matines, Sonnez les matines. Ding, ding, dong. Ding, ding, dong.</p>

La seconde suit la première La troisième va la dernière Quand trois poules s'en vont aux champs La première va devant.	
---	--

Registra-se que a maioria dos idosos(as) são educandos da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA) na Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande/PB/BR), criada em 2009, objetivando proporcionar conhecimentos de diversas áreas (Saúde e Qualidade de vida, Educação e Sociedade, Cultura e Cidadania e Arte e Lazer) aos idosos(as), a fim de continuarem aprendendo e incluídos na sociedade. A UAMA apresenta-se como uma instituição que escuta e dá voz aos idosos, pois, muitos, enfrentam isolamento social e silenciamento etário tanto na sociedade como nas famílias. São oferecidas 100 vagas a cada início letivo, carga horária de 1400 horas, divididas em 04 semestres, funcionando com a participação de professores da UEPB e da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande-PB/BR), além de proporcionar-lhes centro de convivência desde 2012 para alunos concluintes para continuarem ativos e participativos em atividades sociais. É notável a importância da UAMA no meio universitário, pois aumenta o vínculo entre diferentes indivíduos, sobretudo jovens da graduação e pós-graduação, tendo-se um espaço de inclusão intergeracional.

Acerca das dramatizações foram preparadas e realizadas com fantasias confeccionadas e adaptadas por idosos que dela participaram por meio de várias dramatizações. Neste aspecto houve a encenação do "O caso do Espelho"⁴ (quadro III), texto escrito em forma de crônica ao tratar de um vendedor e um comprador, nela contendo quadro personagens caracterizados de vendedor numa loja comercial, o comprador, sua esposa e sua sogra, cujo enredo acontece no centro urbano lugar onde transita para realizar compras. A encenação tem como principal característica o olhar reflexivo, a forma como pautamos as nossas relações e até mesmo o conhecimento que cada um precisa ter sobre si.

⁴ Esta história é uma versão escrita por Ricardo Azevedo de um conto popular em prosa. Ricardo José Duff Azevedo (nasceu em São Paulo, no ano de 1949), escritor, ilustrador e pesquisador brasileiro.

Quadro III - Dramatização

Dramatização: O Caso do Espelho
Autor: Ricardo Azevedo,
Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata. Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos: - Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.
Os olhos do homem ficaram molhados.
- O senhor... conheceu meu pai? - perguntou ele ao comerciante.
O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.
- É não! - respondeu o outro. - Isso é o retrato do meu pai. É ele sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?
O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho. Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira. A mulher ficou só olhando.
No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.
- Ah, meu Deus! — gritava ela desnorçada. - É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!
- Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.
- Que foi isso, mulher?
- Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?
- Que retrato? - perguntou o marido, surpreso.
- Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!
O homem não estava entendendo nada.
- Mas aquilo é o retrato do meu pai!
Indignada, a mulher colocou as mãos no peito: - Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?
A discussão fervia feito água na chaleira.
- Velho lazarento coisa nenhuma! - gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

- Que é isso, menina?

- Aquele cafajeste arranhou outra!

- Ela ficou maluca - berrou o homem, de cara amarrada.

- Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato. Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

- Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou, feliz, abraçando a filha: - Fica tranquila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

O envelhecimento é uma realidade recorrente e demanda atenção educacional, exigente de discussão e ação alinhadas ao protagonismo dos idosos(as) enquanto têm vida. Neste sentido, os idosos(as) demandam um espaço para (re)viverem suas memórias e compartilharem saberes e fazeres adquiridos ao longo da vida. A população idosa brasileira apresenta-se de forma heterogenia em suas diferentes velhices e subjetividade, pois em suas individualidades desejam envelhecer ao seu modo, mas com mais qualidade de vida social. Um dos maiores desafios a terceira idade é usufruir do respeito e qualidade de vida, para melhor administrar o processo biopsíquico do envelhecer tanto em sua vida pública quanto privada. A compreensão da educação como um direito de todos no processo de inclusão social, entendida numa concepção coletiva, reforça a necessidade da construção de escolas e espaços educacionais inclusivos com apoio das políticas públicas. Mudanças na concepção da velhice e envelhecimento ocorrem com a efetivação de políticas de educação inclusiva, pressupondo reformas na gestão escolar, sobretudo no projeto pedagógico e curricular da escola, voltado às diferenças e diversidades etárias. Os espaços educativos demandam práticas de acessibilidade e convivência de inclusão e, a escola e demais espaços educativos, se insere nesta perspectiva junto aos seus alunos e demais profissionais da educação. Se os estudos sobre envelhecimento ganham espaços em estudos e pesquisas na academia e na sociedade, a escola tem uma função em disseminar os saberes acerca do envelhecimento. Discutir sobre a sustentabilidade intergeracional em âmbito nacional exige reflexão continuada nas instâncias educacionais.

CONCLUSÃO

Neste espaço eles narraram suas subjetividades individuais nelas contendo marcas do “nós social coletivo” (Halbwachs, 2006), em cuja narrativas foram estimulados a discutirem temáticas da vida coletiva e social remetentes as suas temporalidades históricas e etárias. Nesta dinâmica narrativa, foi-lhes possível não apenas lembrar episódios socioculturais vivificados nas lembranças enunciadas, mas refletir “uma longa vida” existente “por trás de si” concretizada nos tempos das lembranças evocadas no diálogo entre o “para-si” e o “em-si” (Beauvoir, 1979, p. 445), convergindo diferentes vivências do passado social e subjetivo. Estas considerações comungam com as colocações de Kachar (2001) ao compreender que as narrativas dos idosos(as) são ensináveis as gerações e a sociedade. Ao dialogar com as considerações de Beauvoir (1979) ressalta-se que estas narrativas, apesar de falarem de um passado que não se pode mais “segurá-lo ou tê-lo no presente” como um objeto concreto, ainda tem muito a dizer a sociedade.

Neste sentido, a educação transforma-se num mecanismo que nega e violenta o direito de todos se incluírem num processo de envelhecimento com respeito e dignidade coletiva conforme pretensões nos dispositivos legais do estatuto do idoso. A proposta da educação inclusiva pauta-se na necessidade social do respeito às diferentes maneiras de envelhecer nas suas diversidades singulares, cuja proposta comunga com os pressupostos do “aprender a ser” para “aprender a conviver”, conforme aponta Delors (2002). Nesta perspectiva, a inclusão social pode ser construída coletivamente no *continuum* sociohistórico respaldado não apenas em textos teóricos e legais, em espaços formais e informais, sobretudo o espaço escolar “como território institucional expressivo da cultura em que se insere, a escola sofre pressões para acompanhar os novos tempos e lidar melhor com a diversidade do público que deve atender” (Paulon, 2005, p. 07). Ao considerar, especialmente, o público corrente na escola como “aprendizes da cidadania” a proposta da educação inclusiva permite não apenas o ensino de práticas inclusivas proativas, mas o seu exercício nas interações intergeracionais, desta forma, tal proposta dialoga com saberes e fazeres dos diferentes sujeitos etários no espaço escolar. As práticas inclusivas ensinadas e vivenciadas no espaço escolar são protagonizadas nos espaços sociais em suas especificidades contextuais no exercício cidadão do respeito ao outro, neste sentido, a escola exerce uma função social inclusiva ao construir uma “sociedade mais justa e igualitária” (Paulon, 2005). Em discussão neste trabalho uma educação Inclusiva intergeracional configurada nas diferentes maneiras de envelhecer ligado aos diferentes contextos e realidades subjetivas de cada indivíduo, demandando necessidades educativas especiais para continuarem aprendendo a se inserirem numa sociedade excludente. Entende-se que os

pressupostos da educação inclusiva proporcionam aos sujeitos aprendizes em suas diferentes etariedades oportunidades de desenvolverem e ampliarem suas capacidades de convivência inclusiva nas interlocuções intergeracionais (Mangaroni, 2011).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, V. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- Bakhtin, Mikhail (Volochinov). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Editora Hucite, 1995.
- Beauvoir, Simone de. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- Bosi, Eclea. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo. Ateliê, 2003.
- Cachioni, Meire. Quem educa os idosos: Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas-SP: Alínea, 2002.
- Carvalho, Rosita Edler. Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- Debert, Guita Grin. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 2004
- Delors, Jacques Educação: um tesouro a descobrir. 2ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003
- Fazenda, Ivani (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, 2001.
- Freire, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- Halbwachs, Maurice. A memória coletiva. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006
- Kachar, V. (Org.). Longevidade: um ovo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001.
- Koch, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 1997.
- Marangoni, J.F.C. Meu tempo, seu tempo. Possibilidades de coeducação no relacionamento entre avós e netos. Curitiba: Paraná: CRV, 2011.
- Oliveira, Paulo de Salles. Brinquedos e indústria cultural. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- Preti, Dino: A linguagem dos idosos. São Paulo – Contexto, 1991